

## O DIABO EM A *RELÍQUIA* (EÇA DE QUEIRÓS)

Antonio Augusto Nery<sup>1</sup>

**RESUMO:** Mesmo figurando em diversas obras de Eça de Queirós, entre elas, alguns contos das *Prosas bárbaras* (escritos entre 1866 e 1867), *O mandarim* (1880), *A relíquia* (1887) e as *Vidas dos santos* (1891 – 1897), o diabo é uma personagem constante, porém pouco analisada, nos escritos de Eça de Queirós. Neste trabalho, volveremos nosso olhar para uma dessas figurações do “anjo decaído”, a atuação do diabo em um trecho do segundo capítulo de *A relíquia*. Pretendemos comprovar que para além de ser uma mera personagem secundária, Satanás constitui-se um importante ponto de apoio para as críticas veiculadas por Eça de Queirós à Igreja e à religiosidade institucional. Essa pequena atuação do diabo em *A relíquia* pode ser tida como representativa do sentido que o diabo também terá em outras ficções de Eça nas quais figura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diabo; *A relíquia*; Eça de Queirós.

**ABSTRACT:** Even appearing in many works of Eça de Queirós, as some short stories of *Prosas bárbaras* (written between 1866 and 1867), *O mandarim* (1880), *A relíquia* (1887) and *Vidas dos santos* (1891 – 1897), the devil is a constant character, but not so much analyzed in Eça de Queirós’ production. In this project we will look at one of those images of the “fallen angel”, the role of devil in an extract of the second chapter of *A relíquia*. We intend to show that more than a mere secondary character, Satan is an important support for Eça de Queirós’ criticism of the Church and the religious institution. This small act of the devil in *A relíquia* can be understood as a representation of the meaning that the devil will also have in other Eça’s fictions in which he figures.

**KEYWORDS:** Devil; *A relíquia*; Eça de Queirós.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo.

Aparecendo desde os primeiros contos desenvolvidos pelo jovem Eça, passando pelas narrativas da denominada segunda fase (*O mandarim* - 1880 e *A relíquia* -1887) até as *Vidas dos Santos* (escritas entre 1891 – 1897, publicadas postumamente em 1912), o diabo será uma personagem secundária e corriqueira, desenvolvida por Eça de Queirós de diversas maneiras, mas sendo representado com o mesmo fim em todas as histórias nas quais se apresenta: ser uma espécie de ponto de apoio para as críticas veiculadas à Igreja e à religiosidade institucional, de um modo geral.

Exemplo disso pode ser constatado no segundo capítulo de *A relíquia* no qual observamos o interessante diálogo entre o protagonista/narrador Teodorico Raposo e o diabo. Essa pequena aparição de Satanás pode ser tomada como exemplo importante do sentido que o diabo normalmente recebe em outras obras do autor, conforme constatamos na pesquisa intitulada “Diálogos (Diabos) intermitentes: Eça de Queirós e a crítica à instituição religiosa”, em andamento na Universidade de São Paulo.

A crítica, em geral, tem admitido *A relíquia* como uma das principais obras de Eça com temática religiosa, principalmente no capítulo terceiro da história, no qual o protagonista/narrador Teodorico Raposo sonha com a paixão de Cristo e realiza um sem número de desconstruções e dessacralizações suficientes para afirmarmos que, quando lida com a temática religiosa, Eça de Queirós não está simplesmente difundindo anticlericalismos, tal qual a crítica literária tradicional sempre divulgou (Cf. NERY, 2005a). Na verdade, o escritor realiza um trabalho de revisão e crítica de vários assuntos que até então não haviam sido tratados na literatura portuguesa de temática anticlerical, tais como: a concepção de transcendência do Cristianismo e a voz dos excluídos do texto evangélico canônico (Cf. NERY, 2005b, p. 149). Entretanto, aqui não nos interessam os acontecimentos do terceiro capítulo já analisados por diversos pesquisadores (BUENO, 2000; CARVALHO, 1995 ; NERY, 2005b; NERY, 2006), mas sim, o diálogo que Teodorico mantém com o diabo no segundo capítulo do livro, em um pequeno sonho que precede aquele das grandes desconstruções.

É interessante notar no sonho como o diabo caracterizado por Eça e narrado por Teodorico diferencia-se daquele conhecido pela tradição. Lúcifer, além de parecer um tipo bonachão, atrapalhado com os cornos, desvencilhando-os dos galhos das árvores (QUEIRÓS, 1976, p. 68), é caracterizado por Eça como injustiçado. No ambiente onírico o narrador/protagonista inusitadamente começa a conversar com Satanás,

momentos antes da ascensão de Cristo.

Embora nas narrações do *Novo Testamento* não se tenha precisamente a data que a ascensão ocorrera, a tradição, a partir das informações e da cronologia dos acontecimentos posteriores à paixão de Cristo, estabelece a data de 40 dias após a crucificação e ressurreição.<sup>2</sup> Todavia, na narrativa de Teodorico, a ascensão ocorre logo após a morte de Jesus na cruz, hereticamente, com o próprio diabo apresentando a cena para Teodorico:

O Diabo, depois de escarrar, murmurou, travando-me da manga: “A [cruz] do meio é a de Jesus, filho de José, a quem também chamam o Cristo; e chegamos a tempo de saborear a Ascensão”. Com efeito! A cruz, a do meio, a do Cristo, desarraigada do outeiro, como um arbusto que o vento arranca, começa a elevar-se, lentamente, engrossando, atravancando o Céu (...) Subitamente tudo desapareceu. **E o Diabo, olhando para mim, pensativo: “*Consummatum est, amigo! Mais outro Deus! Mais outra Religião! E esta vai espalhar em terra e Céu um inenarrável tédio*”** (QUEIRÓS, 1976, p. 67, grifo nosso)

Não somente observa-se uma grande inversão do texto bíblico na cronologia dos eventos, mas também um pequeno adiantamento do modo como o Cristianismo será tratado no decorrer da obra, em especial no terceiro capítulo: “Mais outro Deus! Mais outra Religião!” e a que será entre todas as religiões aquela que espalhará pelo mundo um “inenarrável tédio”.

Aqui temos uma demonstração muito clara da forma como geralmente se constrói o discurso literário de Eça quando trabalha com temas ligados à religião. Os temas religiosos e as temáticas de origem variada que irão se mesclar dentro de obras como *A relíquia* e *São Cristóvão*, compõem o que Bakhtin denominaria de “universo carnavalizado”, um mundo subvertido em relação à convencionalidade, sendo que a interpenetração do jocoso com o sério rompe os limites da racionalidade, instaurando um universo absurdo no qual as idéias pré-concebidas deixam de ter validade. (BAKHTIN, 1996)

Na verdade, por várias vezes, nas cenas narradas em alguns romances de Eça, como estes que analisamos, transparecem características da carnavalização proposta por

---

<sup>2</sup> Cf. Marcos 16, 19-20, Lucas 24:50-51, Atos 1, 2-11, e Efésios 4, 7-10.

Bakhtin, uma releitura *às avessas* que privilegia o outro lado dos episódios, aqui no caso, dos episódios bíblicos e dos conceitos difundidos pela tradição religiosa de um modo geral. Ainda no esteio das reflexões de Bakhtin, notamos também que o principal recurso da linguagem utilizado por Eça na “orquestração de vozes” é, pelo que tudo indica, o da paródia. Para o teórico russo:

O uso da palavra parodística é análogo ao uso irônico ou a qualquer uso ambivalente das palavras de um outro emissor, uma vez que também nesses casos as palavras da outra pessoa são empregadas de modo a transmitir projetos antagônicos (BAKHTIN, 1983, p. 473).

A paródia, então, configura-se como uma inversão de sentido. Porém há nesta inversão um (re) conhecimento da ordem que é invertida, uma certa incorporação do texto original para posterior desconstrução. Ao parodiar referencia-se o objeto parodiado. É o que Linda Hutcheon denomina de “paradoxo da paródia”:

A paródia postula, como pré-requisito para a sua própria existência, uma certa institucionalização estética que acarreta a citação de formas e convenções estáveis e reconhecíveis. Estas funcionam como normas ou regras que podem ser – e logo, evidentemente, serão – quebradas (HUTCHEON, 1985, 189)

Portanto, há implicitamente no movimento de desconstrução, as convenções e a permanência do objeto parodiado. Há uma continuidade, mesmo que indiretamente, do texto original, muito provavelmente para provocar o impacto maior da desconstrução. São justamente esses pressupostos de carnavalização e de paródia que iremos encontrar na maioria dos textos de Eça nos quais os temas religiosos estão presentes, sobretudo, em *A relíquia* e *São Cristóvão*. Os episódios são desenvolvidos sempre de forma que evocam aquilo que a tradição religiosa (bíblica, doutrinária ou até mesmo popular) propaga, estando, quase sempre, com fins de desconstrução. Continuemos nossas análises e constatemos essas proposições.

Voltando à cena da narrativa de Teodorico Raposo, logo depois da ascensão, em meio a uma descontraída conversa, na qual o demônio se dirige ao narrador/protagonista como “amigo”, demonstrando afinidade entre eles. Satanás narra os eventos que ocorrerão após o surgimento do Cristianismo e o fim de muitas seitas e religiões que,

segundo ele, eram muito mais divertidas e interessantes que a religião de Cristo.

Mas aparecera este carpinteiro de Galiléia - e logo tudo acabara! A face tornava-se para sempre pálida, cheia de mortificação: **uma cruz escura, esmagando a terra, secava o esplendor das rosas, tirava o sabor dos beijos**: - e era grata ao deus novo e a fealdade das formas (QUEIRÓS, 1976, p. 68, grifo nosso).

Interessante notarmos nesses dizeres de Satanás o contraste com o texto bíblico, pois, durante todo o *Novo testamento*, não há espaço para este lado noturno e melancólico na história e nas mensagens de Jesus. Eça parece referir-se com isto à transformação operada na imagem “original” do Cristo e de seus ensinamentos, realizada pela religião institucional por meio de sua doutrina, encíclicas, catecismos, bulas, etc...

Raposão comovido com as lamúrias de Satanás se preocupa:

Julgando Lúcifer entristecido, eu procurava consolá-lo: Deixa estar, ainda há de haver no mundo muito orgulho, muita prostituição, muito sangue, muito furor! Não lamente as fogueiras de Moloch. Há de ter fogueiras de judeus” (QUEIRÓS, 1976, p. 68).

Mas o diabo não parece aturdido com a existência de outros deuses, e ainda mais, com a existência de apenas mais um, como ele mesmo diz. Com muita tranqüilidade responde ao consolo de Raposão: “Eu? Uns e outros, que me importa, Raposo? **Eles passam, eu fico!**” (QUEIRÓS, 1976, p. 68, grifo nosso).

O sentido herético é claro, o diabo declara-se indestrutível, eterno. Tantos quantos deuses existirem, eles irão e ele ficará. Para o Cristianismo, especificamente, é justamente a morte e ressurreição de Cristo que decretam a derrota do “príncipe deste mundo” e selam seu declínio para o inferno. Aqui, além do diabo declarar-se a si mesmo indestrutível, ele acompanha inclusive a ascensão de Cristo como se nada de mais houvesse acontecido.

Podemos notar que o caráter contestador desta passagem não está voltado somente para a Igreja Católica enquanto instituição, mesmo que levássemos muito em conta as palavras irônicas do consolador Teodorico, aludindo à inquisição: “há de ter fogueiras de Judeus”. As críticas de Eça, principalmente as advindas da boca do diabo,

apontam também para a construção de uma nova visão de Satanás como sendo um injustiçado pela tradição e pela crença<sup>3</sup>, além de ser um ente muito próximo dos humanos, compartilhando sentimentos e demonstrando ter mais afinidade com os homens do que Deus. Por ser o supremo representante do mal, ele simboliza perfeitamente o oposto do bem, do qual todos os seres humanos também são detentores.

De acordo com Muchembled, em seu livro *Uma história do diabo* (MUCHEMBLED, 2001), essa visão foi muito difundida pelos pensadores e escritores românticos no final do século XVIII e durante todo o oitocentos, em detrimento daquela visão medieval na qual Satanás era o anjo decaído, senhor do inferno e captador de todo o mal do mundo e dos infortúnios dos homens.

Uma guinada crítica se observa na França, bem como em toda a Europa no início do século XIX. A imagem do diabo se transforma em profundidade, distanciando-se inelutavelmente da representação de um ser aterrorizante exterior à pessoa humana para tornar-se, cada vez mais, uma figura do mal que cada um traz dentro de si (MUCHEMBLED, 2001, 238).

Nas palavras do diabo de *A relíquia* temos uma crítica dirigida contra os princípios do Cristianismo e dessa visão medieval, mas não só, também aqueles princípios religiosos que incomodavam a Geração de 70, dentre eles, Eça e também todo intelectual do século XIX. O diabo reproduz debates de muitos exegetas, escritores, filósofos e historiadores oitocentistas acerca da “redenção” de Satã, também questionamentos sobre a validade da abnegação, da abstinência e da vida de sacrifícios inspiradas por Jesus para mortificação da carne em detrimento da fruição, do desfrute e aproveitamento da vida terrena.

Desta forma, a narração de Teodorico reflete uma tendência do século XIX, embora, segundo Bueno (BUENO, 2000), toda a cena que estamos analisando ocorra em ambiente onírico, não havendo o comprometimento consciente de Teodorico em pactuar com Satanás, já que acordado provavelmente não conceberia tais discursos com o diabo (Cf. BUENO, 2000, p. 41), já que o medo e a necessidade de “sempre dizer que sim à titi”<sup>4</sup> o censuravam, terminando o sonho “diabólico” com a seguinte passagem:

---

<sup>3</sup> São estas e outras proposições de *A Relíquia*, que nos fazem acreditar que esta obra de Eça possui muito mais que um mero caráter anticlericalista, mas sim menção a um outro entendimento acerca do que a tradição religiosa traça sobre a transcendência e o sobrenatural (Cf. NERY, 2005a, p. 4).

<sup>4</sup> Esta frase estará presente em várias situações durante a narrativa, principalmente quando Teodorico

Assim, despercebido, a conversar com Satanás, achei-me no campo de Sant'ana. E tendo parado, enquanto ele desvencilhava os cornos dos ramos de uma das árvores – ouvi de repente ao meu lado um berro: ‘Olha o Teodorico com o Porco-sujo!’ Voltei-me. Era a titi! A titi, lívida, terrível, erguendo, para me espancar, o seu livro de missa! Coberto de suor – acordei (QUEIRÓS, 1976, p. 68).

Ainda que seja sonho e que a cena guarde débito com a tradição cristã, preservando um caráter ascensional do Cristo, diferente do que ocorrerá no terceiro capítulo com o descenso da figura de Jesus (BUENO, 2000, p. 39), é inegável que exista nesta passagem uma crítica mordaz à essência da religião com a participação fundamental do diabo.

Tal cena do segundo capítulo de *A relíquia* é importante para percebermos um estereótipo dos diabos que figuram na obra de Eça, principalmente, daqueles diabos que atuarão como ponto de apoio para a revisão e o questionamento de particularidades da crença cristã, indo além da crítica institucional e anticlerical, perfazendo, até mesmo contestações acerca do caráter transcendente da religião.

### **Referências bibliográficas:**

BAKHTIN, Michail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. A tipologia do discurso na prosa. In: LIMA, Luis Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 462-484.

BÍBLIA SAGRADA - Tradução do Centro Bíblico Católico. São Paulo, Ave Maria, 1994.

BUENO, Aparecida de Fátima. *As Imagens de Cristo nas obras de Eça de Queiroz*. Tese de Doutorado. IEL, UNICAMP: Campinas, 2000.

---

ainda criança passa a residir na casa de sua tia Patrocínio das Neves sob a tutela da velha. A maioria dos convivas da casa insistentemente sugerem a Teodorico “que sempre diga sim a titi”, transparecendo o servilismo e a submissão que não somente Teodorico, mas todos que rodeavam D. Patrocínio, demonstravam à ela. O protagonista/narrador acata a sugestão e, mesmo com hipocrisias, mediocridades e interesses, será obediente e submisso às vontades da tia.

- CARVALHO, Maria Tereza. *Literatura e Religião: Três momentos de aproveitamento do Novo Testamento na literatura portuguesa*. Dissertação de Mestrado. IEL, UNICAMP, 1995.
- HUTCHEON, Linda. *Uma Teoria da Paródia*. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa. Ed. 70, 1985.
- MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo*. Rio de Janeiro, Editora Bom Texto, 2001.
- NERY, Antonio Augusto. *A hipocrisia religiosa como alvo: características do anticlericalismo presente em "A relíquia" de Eça de Queirós*. In: CD-ROM: Anais do XVII Seminário do CELLIP - Centro de Estudos Lingüísticos e Literários do Paraná. Guarapuava. Editora da UNICENTRO, 2005a, p. 01-08.
- \_\_\_\_\_. *O "Novíssimo Evangelho de São Teodorico Evangelista"*. In: CD-ROM: Anais do II Simpósio internacional sobre religiões, religiosidades e culturas, 2006, Dourados, IP Multimidia, 2006, p. 01-10.
- \_\_\_\_\_. *Santidade e humanidade: aspectos da temática religiosa em obras de Eça de Queirós*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR, 2005b.
- QUEIRÓS, Eça de. *A relíquia*. Porto: Lello e Irmãos, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Últimas páginas*. Porto: Lello e Irmãos, 1945.